



***O PROCESSO FORMATIVO DAS ACADÊMICAS DE PEDAGOGIA: A
DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUAL***

***EL TRADING PROCEDIMIENTO DEL ACADEMICS OF PEDAGOGY LA
DIVERSITY OF GENDER Y SEXUAL***

***THE TRAINING PROCESS OF THE ACADEMICS OF PEDAGOGY: THE
DIVERSITY OF GENDER AND SEXUAL***

*Lucia Mara de Lima Padilha¹
Elisângela Avelar Dainelli²
Márcia Barbosa da Silva³*

RESUMO

Este texto tem por objetivo apresentar resultados parciais de uma pesquisa realizada com alunas dos 2º e dos 4º anos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no ano de 2016. O objetivo da pesquisa foi o de compreender de que forma essas estudantes percebem a diversidade sexual na escola, as suas interpretações sobre o público LGBT e suas perspectivas para trabalhar com a diversidade sexual. Para a coleta dos dados foram aplicados sessenta e nove questionários, numa metodologia exploratória de abordagem qualitativa. A partir da análise realizada, conclui-se que existe uma confusão na percepção das estudantes de Pedagogia com relação a identidade de gênero e orientação sexual, e, essas identidades ou orientações quando fogem aos padrões instituídos historicamente tendem a ser discriminadas ou não compreendidas.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade, Sexualidade, Gênero, Formação de Professores.

RESUMEN

Este texto tiene por objetivo presentar resultados parciales de una encuesta realizada con alumnas de los 2º y de los 4º años del curso de Licenciatura en Pedagogía del Universidade Estadual de Ponta Grossa, en el año de 2016. . El objetivo de la investigación fue comprender cómo estos estudiantes perciben la diversidad sexual en la escuela, sus interpretaciones sobre el público LGBT y sus perspectivas para trabajar con la diversidad sexual. Para la recolección de los datos se aplicaron sesenta y nueve cuestionarios, en una metodología exploratoria de abordaje cualitativo. A partir del análisis realizado, se concluye que existe una confusión en la percepción de los

¹ Pós-doutoranda em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

² Pedagoga. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

³ Doutora em Educação. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

estudantes de Pedagogia com relação a la identidad de género y orientación sexual, y, esas identidades o orientaciones cuando huyen a los patrones instituidos históricamente tienden a ser discriminadas o no entendido.

PALABRAS-CLAVE: Diversidad. La sexualidad. Género. Formación de profesores.

ABSTRACT

This text aims to present partial results of a research carried out with students of the 2nd and 4th years of the Degree in Pedagogy the State University of Ponta Grossa, in the year 2016. The purpose of the research was to understand how these students perceive sexual diversity in school, their interpretations of the LGBT public and their perspectives for working with sexual diversity. Sixty-nine questionnaires were used to collect the data, in an exploratory qualitative approach. Based on the analysis carried out, it is concluded that there is confusion in the perception of Pedagogy students regarding gender identity and sexual orientation, and these identities or orientations when they escape the standards established historically tend to be discriminated or not understood.

KEYWORDS: Diversity, Sexuality, Gender, Teacher Training.

Introdução

Este texto apresenta resultados de uma pesquisa realizada para a conclusão do curso de Pedagogia. A escolha da temática para a pesquisa aconteceu em função de uma experiência ocorrida durante o estágio da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica, ainda no 2º ano da graduação. Durante a observação de uma turma da Educação Infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da região, foram presenciadas situações preconceituosas e discriminatórias, envolvendo a questão de diversidade sexual.

Na turma observada, havia um menino que preferia conversar e brincar com as meninas ao invés de brincar com os outros meninos. Por vezes, a professora da turma, trocou o nome do aluno, colocando um “a” no final. Esta atitude causou desconforto e inquietação, pois, como formadora de pessoas, esta professora deveria proporcionar um ambiente acolhedor para todos, com base no respeito e na igualdade social e, ao invés disso, estava contribuindo para desvalorização do ser humano, promovendo atitudes preconceituosas e discriminatórias. Cabe destacar que, estas atitudes geram desigualdade e produzem “[...] situações de violência que são experimentadas de diferentes maneiras por aqueles/as que se distanciam dos padrões esperados em termos de orientação sexual, identidade de gênero, cor/raça e condição socioeconômica” (BRASIL, 2009, p. 148).

A partir da realidade presenciada, surgiram as inquietações iniciais da pesquisa: Como a temática sobre diversidade sexual está sendo abordada na formação inicial de professoras nos cursos de Pedagogia? Qual a concepção que as professoras têm sobre esta temática?

Ao pensar a escola é preciso considerar os fatores que a influenciam, tais como: os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que interferem diretamente no cotidiano da sala de aula. No âmbito escolar, Louro (2008) destaca a importância de se questionar os currículos de educação que tratam o tema da sexualidade, a fim de abordá-lo não somente como mero discurso descritivo e legal, mas também, questioná-lo, problematizá-lo e causar estranheza perante os conceitos e estruturas estabelecidas por determinado segmento social. Para a autora (1997, p.80-81), “a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria a produz”. Desta forma, esses temas precisam estar presentes na escola, sendo analisados e debatidos com os alunos, tendo como principal objetivo identificar os discursos preconceituosos e transformar esta forma de pensar em uma nova compreensão sobre gênero e diversidade sexual.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual, com a inclusão da temática sobre orientação sexual nas escolas, surgiram discussões polêmicas e delicadas como: “[...] masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia” (PCNs, 1998, p.293). Louro (2010, p. 25), aponta que “a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero”.

Portanto, os (as) profissionais da educação precisam proporcionar aos alunos um debate reflexivo e não alienado, promovendo um ambiente que trate o tema amplamente, sem resumir a questões de simples classificação biológica, mas trazer a tona questões sociais, emocionais e históricas. Pois a escola é palco de relações sociais e essas relações estão permeadas de imagens que circulam no social a respeito de como devem se manifestar ou não as diferentes condições de sexualidade, desta forma, é de fundamental importância entender de que forma questões relacionadas à identidade de gênero vêm sendo abordadas, e, se estas consideram as variações existentes na sociedade atual.

Apresentação dos dados

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizada uma abordagem qualitativa, baseada em autores como Trivinus (1987) que defende o uso dessa pesquisa para se entender melhor realidades mais complexas, pois possibilita ao pesquisador, ter mais liberdade metodológica para realizar seu estudo e aprofundar o entendimento de algo mais específico. A metodologia foi caracterizada como exploratória que, segundo Moreira e Callefe (2008, p. 69), “têm o objetivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fenômeno”, foram aplicados questionários⁴ para: 25 alunas do 4º ano matutino, 21 alunas do 4º ano noturno e 23 alunas do 2º ano noturno, totalizando 69 questionários⁵.

A primeira questão levantada no questionário teve por objetivo saber qual era o posicionamento das participantes quanto à presença dos grupos transgêneros no espaço escolar. (Tabela 1).

Tabela 1

1 – O que você pensa sobre a presença de grupos transgêneros no espaço escolar?				
	4º MA	4º NA/NB	2º NA	TOTAL
Normal	14	14	15	43
Anormal	05	02	00	07
Indiferente	06	05	08	19
TOTAL	25	21	23	69

Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

Observa-se que a maioria das acadêmicas considera normal a presença dos grupos transgêneros no espaço escolar. Tal posicionamento demonstra que existe uma maior abertura e respeito aos sujeitos LGBT no âmbito escolar, apesar de ainda existir certo desconforto para alguns ao tratar deste tema. Porém, ainda que os maiores percentuais tenham sido de aceitação desses grupos, é preocupante observar que 10% ainda veem esses sujeitos de modo estigmatizado e consideram sua condição como algo anormal, especialmente por se tratar de respostas dadas por alunas concluintes do curso de Pedagogia, futuras professoras. Tal parcela representa um grupo que acredita na existência de um modelo padrão: a lógica da binaridade de gênero dividida em homem/mulher ou menino/menina que deve ser seguido pela sociedade.

⁴ As alunas assinaram um Termo de Consentimento Livre e esclarecido, no qual, as autoras da pesquisa se comprometeram em manter sigilo absoluto sobre o nome ou qualquer outro dado que venha a identificar as participantes.

⁵ Os questionários foram aplicados para: 25 alunas do 4º ano matutino; 20 alunas do 4º ano noturno e 23 alunas do 2º ano noturno, totalizando 69 questionários. Destes questionários, apenas dois foram respondidos por estudantes do sexo masculino. Por isso, doravante nos referimos sempre como as participantes, sem com isso estar colocando em dúvida a orientação sexual destas pessoas.

O segundo questionamento levado às acadêmicas, consistia em levantar se elas acham possível ou necessária a modificação dos currículos escolares para se trabalhar a questão de gênero no âmbito escolar (Tabela 2).

Tabela 2

2 – De acordo com sua forma de pensar, existe possibilidade de se modificar os currículos escolares para que os transgêneros sejam mais respeitados na escola?				
	4° MA	4° NA/NB	2° NA	TOTAL
Sim	20	19	20	59
Não	05	02	03	10
TOTAL	25	21	23	69

Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

A maioria das alunas concordou com a alteração dos currículos, uma vez que o meio escolar é um espaço regrado, com normas e códigos próprios, onde os sujeitos considerados desviantes da norma padrão são invisibilizados no planejamento escolar e sofrem violências veladas por parte dos professores e (*bullyng*) por parte dos colegas.

Louro (2008, p. 48) defende que “uma pedagogia e um currículo *queer* se distinguem de programas multiculturais bem intencionados”, para a autora o mais importante é voltar-se para o “processo de produção das diferenças”. Cabe ressaltar a necessidade de se problematizar os processos de marginalização para combater a discriminação desses grupos sociais.

O terceiro questionamento foi feito com o intuito de saber qual é a percepção das participantes com relação à distinção entre Identidade de gênero e Orientação sexual, pois ambos estavam presentes na mesma questão (tabela 3).

Tabela 3

3 – Para você, todo cisgênero é heterossexual?				
	4° MA	4° NA/NB	2° NA	TOT AL
Sim	01	01	00	02
Não	09	09	04	22
Não respondeu	15	11	19	45
TOTAL	25	21	23	69

Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

Percebe-se que a maioria das participantes optou por não responder, isto indica um desconhecimento do conceito Cisgênero. De acordo com Jesus (2012) a pessoa que se identifica com o sexo biológico, é denominada de Cisgênero.

Em relação a pessoa que se afirma na identidade oposta à sua, ou ainda, que permanece na linha entre uma e outra, é chamada de Transgênero. Em relação a esse termo, o documento: “Gênero e Diversidade na Escola” aponta que as palavras “[...] transgênero” ou trans” são usadas por algumas pessoas para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais como sujeitos que realizam um trânsito entre um gênero e outro” (BRASÍL, 2009, p. 123). Desta forma, identidade de gênero é a maneira como cada pessoa se reconhece e se afirma na sociedade, independente de sua anatomia e de sua orientação sexual⁶.

A vivência da sexualidade é expressa conforme o contexto, podendo variar de acordo com o tempo histórico e a cultura. Nesse sentido, sexo é biológico e gênero é social, “[...] gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente” (JESUS, 2012, p.8-9).

Foi questionado às acadêmicas se elas consideram que todo sujeito transgênero, automaticamente é homossexual. (Tabela 4).

Tabela 4

4 – Para você, todo transgênero é homossexual?				
	4° MA	4° NA/NB	2° NA	TOTAL
Sim	07	08	03	18
Não	12	11	17	40
Não respondeu	06	02	03	11
TOTAL	25	21	23	69

Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

Observa-se que existe certo desconhecimento sobre os sujeitos transgêneros. Cabe ressaltar que na complexidade do espaço escolar é possível encontrar várias identidades de gênero, sendo assim, é importante que a futura educadora tenha um conhecimento mais abrangente sobre esse assunto. Identidade de gênero engloba uma multiplicidade de facetas que deve ser trabalhado da forma mais democrática e abrangente possível, a fim de que a sociedade aprenda a respeitar e conhecer esses sujeitos, os despidendo de qualquer estereótipo ou preconceito.

Na questão cinco do questionário, foi indagado se as acadêmicas conseguiram correlacionar o vídeo “A Visita” ao cotidiano escolar do personagem do filme. Antes da aplicação do questionário foi apresentado às acadêmicas o curta-metragem: “A Visita” de Leandro Corinto. No filme Matheus tem nove anos e foi criado por Theo, seu tio.

⁶ Orientação sexual: heterossexual, homossexual, bissexual.

Um dia, recebe a notícia de que finalmente vai reencontrar o seu verdadeiro pai, que vem do exterior visitá-lo. No entanto, essa visitará ao menino questionamentos sobre sua família, pois seu pai chegará vestido de mulher.

Tabela 5

5 – No filme apresentado, você fez alguma relação com a vida escolar do menino?				
	4° MA	4° NA/NB	2° NA	TOTAL
Sim	10	08	06	24
Não	14	11	08	33
Não respondeu	01	02	09	12
TOTAL	25	21	23	69

Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

É possível observar que a maioria não endendeu que os seus alunos possam vivenciar situações como as apresentadas no vídeo. Isto demonstra que elas ainda não percebem a temática adentrando na escola, por meio da história de vida dos alunos. Talvez por uma visão idealizada, ou por não saberem como lidar com a situação.

Considerando a mídia como ferramenta importante para disseminação de novos conhecimentos, foi questionado se as acadêmicas conseguiriam trabalhar o vídeo apresentado com seus alunos e alunas.

Tabela 6

6 – Em sua opinião, de acordo com sua experiência enquanto educador (a), você consegue levar esse filme para trabalhar o tema sexualidade para os alunos do ensino fundamental?				
	4° MA	4° NA/NB	2° NA	TOTAL
Sim	15	17	19	51
Não	09	04	01	14
Não respondeu	01	00	03	04
TOTAL	25	21	23	69

Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

Para a maioria das participantes o vídeo apresentado foi considerado como um instrumento possível para tratar a temática da diversidade junto aos alunos. Porém, muitas deixaram claro que não saberiam abordar essa questão, ou se omitiram em responder.

Foi indagado às participantes se, com a formação inicial, elas se sentem preparadas para trabalhar sobre a questão da diversidade sexual com os alunos do ensino fundamental (Tabela 7).

Tabela 7

7 – Você se sente preparado (a) para trabalhar com temas referentes à diversidade sexual com alunos do ensino fundamental?				
	4° MA	4° NA/NB	2° NA	TOTAL
Sim	06	04	09	19
Não	19	17	14	50
TOTAL	25	21	23	69

Fonte: Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

Pode-se verificar que as acadêmicas não se consideram preparadas para o trabalho sobre a temática. Isso demonstra a necessidade de se discutir, junto às educadoras, tanto na formação inicial, como na continuada, a utilização de ferramentas para abordar esse tema. Vale lembrar que estudos sobre a temática são recentes e que ainda sofremos resquícios da repressão imposta pela ditadura militar em que a educação sexual foi banida das escolas (CÉSAR, 2009).

Com relação à percepção das identidades de gênero foi questionado às participantes como elas enxergavam a figura do pai do menino no vídeo apresentado. (Tabela 8).

Tabela 8

8 – Como vimos no filme, o pai do menino apareceu vestido de mulher. Para você ele é:				
	4° MA	4° NA/NB	2° NA	TOTAL
Gay	00	00	00	00
Lésbica	00	00	00	00
Travesti ⁹	12	08	06	26
Transexual ¹⁰	13	12	11	36
Drag queen	00	00	00	00
Crossdressers ¹¹	00	00	00	00
Não respondeu	00	01	06	07

Fonte: Dados da pesquisa (2016), organizado pelas autoras.

Observa-se que as duas classificações (travesti e transexual) ficaram destacadas nas respostas. Tal resultado demonstra que ainda falta a compreensão a respeito de identidade de gênero e orientação sexual. Segundo Scott (1995, p.72), entender gênero “indica uma rejeição do determinismo biológico”. Ser homem ou mulher vai além da anatomia, pois construímos nossas identidades de gênero nas relações em que estabelecemos com os nossos pares, através do convívio social.

A sexualidade [...] é uma marca única do homem, uma característica somente desenvolvida e presente na condição cultural e histórica do homem. Este homem é um ser sexuado. Assim, tudo o que faz ou realiza envolve esta sua dimensão de “ser sexuado” (NUNES; SILVA, 2000, p. 73). Cabe destacar que, identidade de gênero, como já citado, é a forma como uma pessoa se identifica, ou não, com seu sexo biológico; já a orientação sexual se refere à demonstração de desejo e afeto pela outra pessoa. Portanto, existem diferenças entre a sexualidade e o sexo em si, uma vez que, a sexualidade transcende à consideração meramente biológica, é o construir-se por meio de uma significação e da vivência humana.

Algumas considerações

A partir dos dados obtidos na pesquisa, foi possível perceber que existe uma falta de compreensão sobre a conceitualização de identidade de gênero e orientação sexual e essas identidades ou orientações quando fogem aos padrões instituídos historicamente tendem a ser discriminadas e não aceitas.

As perspectivas das estudantes para trabalhar com a diversidade sexual estão pautadas no respeito e na tolerância, mesmo para aquelas que não concordam com a presença dessa temática no currículo, ou que não consideram normal a presença do público LGBT no espaço escolar. No entanto, elas demonstraram ter dúvidas em relação ao tema, não distinguem alguns conceitos relacionados ao público LGBT e sentem-se inseguras para trabalhar com esse tema nas escolas.

Nesse sentido, cabe ressaltar, a necessidade de reflexões sobre essas questões, nos cursos de formação de professoras, pois elas fazem parte do espaço escolar, uma vez que a escola reproduz e reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade. E, uma educação fragmentária sobre gênero e sexualidade é quase sempre marcada por formas sutis de controle e proibição e por atitudes preconceituosas e discriminatórias.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais /* Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1998.

BRASIL. SPM/PR, SEPPIR/PR, MEC. *Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais*. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SECRETARIA PROMOÇÃO MULHER, 2009.

CÉSAR, M. R. A. Sexualidade e gênero: ensaios educacionais contemporâneos. In: *Sexualidade/* Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidades. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. – Curitiba: SEED – Paraná, 2009, p.49-58.

FELIPE, J. *Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas*. Pro-Posições, v. 18, n. 2, p. 77-87, maio/ago. 2007.

FURLANI, J. *Mitos e Tabus da sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em educação sexual*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

JESUS, J. G. de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília, 2012.

LOURO, G. L. *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Um Corpo Estranho: Ensaio sobre Sexualidade e Teoria Queer*. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 7-34.

MIRANDA, A. C. T; PEREIRA, L. K. I. A atuação docente no combate às violências de Gênero. In: CORREA, C. M. A; MAIO, E. R. (Orgs.). *Observatório de violência de gênero: Entre Políticas Públicas e Práticas Pedagógicas*. 1 ed. Curitiba: CRV, 2015, p.45-56.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L.G. *Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador*. Rio de Janeiro, 2 ed. Lamparina,2008.

NUNES, C.; SILVA, E. *A Educação Sexual da Criança: Subsídios Teóricos e Propostas Práticas para uma Abordagem da Sexualidade para Além da Transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2000.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*. Vol.20(2), jul./ dez. 1995. P. 71-99.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

Recebido em Novembro de 2018.

Aprovado em Dezembro de 2018.